

A OPINIÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA NA ESCOLA¹

Xênia Ferreira de Oliveira

Escola Estadual Maria Eduarda P. Soldera , São José Dos Quatro Marcos, Mato Grosso, Brasil.

Marcos Roberto Godoi

Rede Municipal de Educação de Cuiabá, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Luciene Neves Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso, Brasil.

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar a opinião dos professores de Educação Física do Ensino Médio sobre a homossexualidade e a homofobia na escola, através de um estudo exploratório. Os resultados mostraram que: a) eles identificam os/as alunos/as homossexuais pela aparência e estereótipos; b) os professores disseram respeitar a homossexualidade, mas dois deles acham que é doença ou algo desviante do “normal”; c) para eles, a escola trata os alunos homossexuais sem preconceito; d) já ocorreu preconceito nas aulas de Educação Física e os professores buscaram intervir; e) eles não conhecem metodologias para abordar a questão da diversidade sexual. Desse modo, concluímos que é necessário investir na formação inicial e continuada dos professores para trabalhar com a diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Homossexualidade. Homofobia.

Introdução

Atualmente, a escola recebe uma diversidade de alunos de diferentes classes e grupos sociais, raça/etnia, gênero, com deficiência física ou mental, e, também, com diferentes orientações sexuais, dentre estas, podemos destacar que os homossexuais também estão presentes na escola, e muitas vezes sofrem preconceito e discriminação por se desviar da sexualidade considerada padrão. Desse modo,

a sexualidade e o gênero estão presentes na escola mesmo não tendo um espaço no currículo oficial através de uma disciplina, de um programa ou projeto de educação sexual. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes, por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições (GODOI, 2009, p. 1).

¹ Este trabalho não contou com apoio de nenhuma natureza para sua realização.

Vale destacar que, em muitos projetos e propostas educacionais atuais, o termo diversidade tornou-se lugar-comum. Sob essa denominação agrupam-se perspectivas inclusivas orientadas pelo reconhecimento de que os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a diferentes classes sociais, mas, sobretudo, porque são produzidos também a partir de outros marcadores de identidade, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, etc. Conforme Goellner (2010), reconhecer a diversidade significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer. E poderíamos complementar, têm sido excluídos do direito à educação também.

A discussão sobre a discriminação de pequenos grupos nas escolas, principalmente homossexuais, vem ganhando espaço em pesquisas na área de educação e, especificamente, na Educação Física. Discriminação é uma atitude ou uma ação que objetiva diferenciar, distinguir e, em geral, prejudicar um grupo, tendo por base ideias preconceituosas. É o que ocorre com alguns alunos por apresentarem comportamento “diferente”, sofrendo humilhações, brincadeiras preconceituosas, piadinhas, agressões físicas e verbais, considerando que essas atitudes partem frequentemente dos meninos e rapazes, interferindo negativamente no aprendizado e podendo até levar esses alunos a se evadirem da escola.

Existem diferentes tipos de preconceitos, de raça/etnia, sexo, classe ou grupo social, e também a homofobia. Palavra grega *fobia* (medo) com o prefixo *homo* (igual), que caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa em face das relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais.

De acordo com Borrillo (2010, p. 30-31), a homofobia está imbricada com o sexismo e o heterossexismo, enquanto o sexismo implica “tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades”; o heterossexismo tem a especificidade de instituir uma “hierarquia das sexualidades”, na qual a heterossexualidade se constitui como a norma a partir da qual se avaliam as outras sexualidades, que passam a ser classificadas como “incompletas, acidentais e perversas” e, ainda, “patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização”. Assim, pode-se dizer que na lógica (hetero)sexista “a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual”.

Para Louro (1999b), a homofobia é consentida e muitas vezes é ensinada na escola. Ela expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo, como se homossexualidade fosse “contagiosa”: cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para os sujeitos homossexuais. A aproximação pode ser interpretada como uma adesão a homossexualidade; o resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren chamou de *apartheid sexual* (apud LOURO, 1999b).

A motivação para desenvolver esta pesquisa surgiu do pressuposto de que a escola e os professores nem sempre estão devidamente preparados para lidar com as situações de preconceito e discriminação que envolvem as diferenças de gênero e sexuais, daí nossa

intenção de procurar saber mais sobre esse assunto. Com base nessas considerações, o objetivo geral da pesquisa foi investigar a opinião dos professores de Educação Física do Ensino Médio sobre a homossexualidade e a homofobia na escola.

Em relação à metodologia, esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo exploratório. Este tipo de pesquisa tem como objetivos proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo mais explícito, construir hipóteses, aprimorar ideias, ou descobrir intuições (GIL, 2002). Os sujeitos pesquisados foram três professores de Educação Física que atuam em escolas do Ensino Médio, no município de São José dos Quatro Marcos. Embora a amostra seja pequena, ela permite ter um panorama da questão em um pequeno município do interior de Mato Grosso, numa cidade que, segundo o censo do IBGE de 2010, tem 19.527 habitantes.

A pesquisa de campo aconteceu no mês de abril de 2013, e o instrumento utilizado foram as entrevistas, para as quais foi elaborado um roteiro. Inicialmente, apresentamos a proposta da pesquisa para os professores, com os objetivos e a metodologia a ser utilizada, bem como os procedimentos éticos na pesquisa com seres humanos, de modo que garantimos o anonimato e solicitamos que eles assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. A partir da concordância em participar da pesquisa, o próximo passo foi a realização das entrevistas, que foram gravadas com um aparelho de MP3 e, posteriormente, transcritas e revisadas. Em seguida, organizamos os dados para a análise a ser produzida com base no referencial teórico dos estudos sobre gênero, sexualidade e educação.

Alguns estudos sobre diversidade sexual na Educação Física

Na área de Educação Física e Ciências do Esporte já é possível encontrar alguns trabalhos que versam sobre a questão da homossexualidade e do preconceito ou da homofobia. Nessa direção, Cunha Junior e Melo (1996) investigaram os possíveis preconceitos e discriminações para com os homossexuais nas aulas de Educação Física. Para isso, os autores realizaram uma revisão bibliográfica, uma análise autoavaliativa seguida de uma combinação de dez entrevistas semiestruturadas com homossexuais masculinos; ao final, os pesquisadores esperam ter contribuído e alertado acerca da necessidade de que as atividades físicas e esportivas não estejam somente restritas a determinados segmentos da população.

Já Silva e Devidé (2009) observaram as aulas de Educação Física da 6ª série, durante quatro meses, em uma escola particular do Rio de Janeiro, buscando identificar e mapear as metáforas discriminatórias, com foco nas interações verbais e corporais construídas pelos alunos, que dificultam ou impedem a participação dos outros alunos que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela turma.

Por sua vez, Volotão et al. (2010) identificaram os prováveis graus de preconceitos e discriminações dos atletas de lutas em relação aos homossexuais no âmbito da Educação Física. Foram entrevistados 38 atletas, com idades entre 20 e 30 anos, que faziam jiu-jitsu há mais de um ano. Os pesquisadores constataram que 3% era não homofóbico; 5% homofóbico leve; 77% homofóbico moderado e 15% homofóbico extremo.

Em um estudo de caso em uma escola privada do Rio de Janeiro, Peçanha e Devidé (2010a) investigaram o que é feito pelos docentes para minimizar o *bullying* homofóbico nas aulas de Educação Física no primeiro segmento de Ensino Fundamental. Os au-

tores concluíram que embora os professores ainda tenham dificuldade em lidar com assuntos como *bullying* em suas aulas, eles admitem que já aconteceram casos de discriminação. A intenção dos docentes é agir de forma a respeitar o aluno e garantir o respeito, porém, o respeito deve vir com o diálogo, a inclusão e as aulas coeducativas, alternativas para minimizar ações de preconceito relacionadas ao *bullying*, sobretudo o homofóbico.

Noutra pesquisa, na mesma escola privada, Peçanha e Deive (2010b) investigaram cinco professores de Educação Física que ministram aulas para o primeiro segmento de Ensino Fundamental. O estudo teve o objetivo de investigar o que é feito pelo corpo docente para minimizar o *bullying* homofóbico nas aulas de Educação Física. Eles concluíram que os professores têm dificuldades em abordar explicitamente o tema da sexualidade durante as aulas, o que dificulta o combate contra o *bullying* homofóbico. Os professores afirmaram ter presenciado alguns casos de *bullying*; ressaltaram, ainda, que isso ocorre quando um aluno não possui a mesma habilidade motora que os outros da mesma identidade sexual, sendo que nesse caso o aluno recebe um apelido que o rotula como desviante da norma heterossexista.

Apresentação, análise e discussão dos resultados

Os participantes do estudo receberam códigos (P1, P2 e P3) para preservar o anonimato. No quadro abaixo apresentamos alguns dados pessoais (idade, sexo) e profissionais sobre os professores:

Quadro 1. Dados dos sujeitos pesquisados

	P1	P2	P3
Idade	22 anos	24 anos	38 anos
Sexo	Masc.	Masc.	Masc.
Formação	Licenciatura em EF 2011	Licenciatura em EF 2011	Licenciatura em EF 1999
Especialização	Fisiologia do Exercício, <i>Personal Training</i> (em andamento)	Não	Educação Física Escolar
Vínculo empregatício	Interino/contratado	Interino/contratado	Efetivo
Tempo de atuação	1 ano e meio	1 ano	13 anos

Perguntamos para os professores se eles têm alunos/as homossexuais; todos disseram que sim. Em relação a como eles identificam se os/as alunos/as são homossexuais, eles responderam o seguinte:

P1- Sei identificar, pelas maneiras e atitudes de se expressar.

P2- Sim, consigo identificar pelo comportamento em relação aos demais, e pelas formas de se imporem na prática.

P3- É muito percebível não somente para mim, mas para qualquer um; não gostam, digo a maioria não gosta muito de atividades ligadas ao sexo masculino, exemplo jogar futsal.

A esse respeito, Goellner (2010) destaca que é preciso tomar cuidado com julgamentos baseados na aparência, ou nos estereótipos. De acordo com a autora:

Precisamos questionar afirmativas, como, por exemplo, uma criança obesa assim o é porque tem preguiça e não faz exercício físico; uma menina que usa boné, bermuda larga e tatuagem tem aparência masculinizada e deve ser homossexual; um menino que fala baixo e apresenta gestos delicados é *gay*, entre outros (GOELLNER, 2010, p. 78).

Essa autora ressalta ainda que precisamos entender que existem diferentes formas de viver as masculinidades e feminilidades, e isso precisa ser respeitado. A escolha, por exemplo, de um menino em não jogar futebol não implica *naturalmente* que deixe de ser masculino ou que seja *gay*.

Devido ao preconceito, muitos alunos, e também educadores homossexuais adotam uma estratégia de sobrevivência no ambiente escolar, ocultando sua identidade sexual. Johnson (apud LOURO, 1999b) fala do *closet*, como sendo uma forma escondida e “enrustida” de viver a sexualidade não hegemônica, entendendo-o como “uma epistemologia”, isto é, como um “modo de organizar o conhecimento/ignorância”. Essa epistemologia tem marcado as concepções de sexualidade por meio de um conjunto de oposições binárias, com as quais especialmente as escolas operam: “homossexualidade/heterossexualidade”; “feminino/masculino”; “privado/público”; “segredo/revelação”; “ignorância/conhecimento”; “inocência/iniciação”. Mas uma dicotomia apresentada por Johnson é “*closeting*/educação”, para representar o quanto as escolas, que supostamente devem ser o local para o conhecimento, são, ao contrário, no que diz respeito à sexualidade, um local de ocultamento.

A escola, afirma Louro (1999b), é com certeza um dos locais mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. A escola nega e ignora a homossexualidade, por supor que só pode haver um tipo de desejo sexual, qual seja, a heterossexualidade. Desse modo, a escola oferece poucas chances para que adolescentes ou adultos *gays* assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, ou seja, a escola, passa a ser, então, o lugar do desconhecimento em relação à sexualidade.

Sobre a opinião dos professores sobre a homossexualidade, eles se pronunciaram da seguinte forma:

P1- Cada um tem o direito de decidir sua sexualidade, respeito! Porém, às vezes acho que é uma doença, num sei, porque uma pessoa não precisa mostrar se é homossexual pra ter o respeito de alguém, por isso penso que pode ser algo assim, tentam chamar atenção com isso.

P2- Hoje em dia tá muito comum de ver na rua, antes tinha mais uma repressão em cima disso hoje em dia eles não estão tendo mais vergo-

nha de se expor nas ruas e ambientes sociais, eu não tenho nada contra, aceito como pessoas normais, mas é fora do ideal.

P3- Não discrimino não, porque ninguém escolhe ser ou não homossexual, então cabe à sociedade aceitar, pois vivemos em um país democrático, só isso.

O P1 disse que respeita, mas às vezes acha que a homossexualidade é uma doença. Goellner (2010) lembra que em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) eliminou a palavra homossexualismo do Código Internacional de Doenças (CID), demonstrando não se tratar de uma doença, mas de uma possibilidade de viver a sexualidade. Possibilidade esta que, segundo a autora, deve ser respeitada e que não pode tornar-se um impeditivo para a adesão dos sujeitos às práticas esportivas.

O P2 destaca que atualmente está mais comum; que ele não tem nada contra e aceita, mas considera fora do ideal, o que remete à ideia de fora do normal, de desviante da sexualidade padrão ou hegemônica, que é a heterossexualidade. Para Louro (1998), no discurso homogeneizador, a normalização das identidades sexuais e de gênero ganha um destaque extraordinário. A escola está absolutamente empenhada em garantir que seus meninos e meninas tornem-se homens e mulheres “verdadeiros”, ou seja, que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade. Já Britzman (1996) destaca o conceito de heteronormatividade, que é a obsessão com a sexualidade normalizante, por meio de discursos que descrevem a situação da homossexualidade como desviante, assim como o discurso do P2: “fora do ideal”.

O P3 afirma que não discrimina, pois ninguém escolhe ser homossexual, ele defende que cabe à sociedade aceitar, uma vez que estamos numa democracia. Essa opinião, está em acordo com as *Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais*, da Secretaria de Estado de Educação, é preciso compreender que todas as formas de sexualidade são construídas, que todas são legítimas e frágeis, que diferentes homens e mulheres vivem seus prazeres e desejos de formas variadas. Esse saber contribui significativamente para a diminuição da discriminação à homossexualidade (MATO GROSSO, 2010).

No que tange à opinião dos professores sobre como a escola lida com os alunos homossexuais, eles disseram o seguinte:

P1- Depende muito de cada escola, posso responder pela escola que trabalho, vejo que esses alunos são tratados como os outros.

P2- A escola age de acordo com as normas estabelecidas pelas leis, que é o direito de todos ao ensino e aprendizagem, não há nenhuma diferença pelo fato de ser homossexual não.

P3- Tratando sem indiferenças, é um aluno como qualquer outro, e também acho que é assim que deve ser.

Todos os professores destacaram que é preciso tratar os alunos homossexuais tal qual os outros são tratados, sem discriminação, e que eles tenham o direito à aprendizagem. Quando a instituição escolar não trabalha com a inclusão dos/as estudantes com orientação sexual diferente da heterossexual, relega-os/as a uma condição de inferioridade,

produzindo sofrimento e toda sorte de discriminação, agressões e preconceitos. Com isso afrontam totalmente os direitos desses/as estudantes garantidos tanto na Constituição Federal como na LDB (Lei 9.394/1996) e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

[...] A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. [...] (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE apud MATO GROSSO, 2010, p. 41).

Para a construção de uma sociedade com pessoas saudáveis, plenas, conscientes e felizes, é inegável a importância de se trabalhar a diversidade sexual nas escolas. Afinal, trabalhar com esse eixo norteador é promover a cidadania, uma vez que lidamos com a garantia de que esses/as alunos/as tenham acesso à informação, respeito e liberdade de expressão (MATO GROSSO, 2010).

Perguntamos, também, se já ocorreu alguma situação de preconceito ou discriminação em relação aos alunos homossexuais nas aulas de Educação Física. Os professores responderam que:

P1- Nas minhas aulas nunca ocorreu nada, até porque eles estudam nessa escola desde as séries iniciais, e por serem meio que assumidos já, eles já fazem a aula de Educação Física junto com as meninas mesmo.

P2- Não! Pelo que notei, os devidos alunos participam das aulas junto com os outros colegas, sem diferenciação nenhuma.

P3- Ocorreu e ocorre até hoje, mas sempre procuro conversar, chamar a atenção daqueles que tratam o companheiro com indiferença.

O P1 disse que nunca ocorreu preconceito ou discriminação em suas aulas, destaca o fato de estudarem na escola desde os anos iniciais e já serem aceitos pelos colegas, mesmo sendo assumidos. Fala ainda que os homossexuais participam das aulas junto com as meninas. O P2 falou que os homossexuais participam das aulas junto com os colegas e que ele não percebeu nenhum preconceito. Questionamos, aqui, se de fato não acontece preconceito ou se os professores não percebem esse preconceito. Porém, não tivemos como constatar isso nesta pesquisa, uma vez que seria necessário fazer observações das aulas. Os P1 e P2 são professores novatos, e talvez não tenham se atentado ainda para esse tipo de situação, ou o pouco tempo de experiência no magistério fez com que eles não identificassem muito bem a questão do preconceito contra os alunos homossexuais ainda. O P3, mais experiente, disse que ocorre preconceito, mas que ele procura chamar a atenção dos estudantes que agem com preconceito em relação aos homossexuais.

A próxima pergunta foi sobre o posicionamento do professor diante de situações de preconceito e discriminação em relação à homossexualidade nas aulas de Educação Física. Eles disseram que:

P1- Nas minhas aulas não ocorrem, dificilmente tem alguma piadinha, mas isso nas aulas teóricas eu não aceito, e já chamo a atenção logo.

P2- Eu já não sou de acordo, já faço trabalhos sobre o bullying; então qualquer apelido ou discriminação eu já paro a atividade e coloco em prática a discussão do preconceito, só isso!

P3- Chamo a atenção do aluno, e acredito que assim, nada que uma boa conversa aberta com a turma sobre discriminação, alguns toques sobre bullying, assim uma conversa para esclarecer mesmo e conscientizar os demais.

O P1 falou que não ocorre preconceito em suas aulas, mas reconhece que os alunos fazem piadinha (dificilmente, segundo o professor), mas ele não aceita e chama a atenção. Conforme Louro (1999a, p. 29), uma estratégia de distinção que meninos e meninas aprendem desde cedo são as piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem-se àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade na cultura em que vivem. Silva e Devede (2009) observaram as aulas de Educação Física da 6ª série, em uma escola particular do Rio de Janeiro, e identificaram algumas metáforas discriminatórias relacionadas ao nível de habilidade motora, raça/cor, origem social, identidades de gênero e sexual, capacidade intelectual, características físicas, características pessoais. Entre os termos utilizados na categoria identidades sexual e de gênero, os alunos costumavam chamar de “menina” o menino que age como uma menina; de “veadinho”, o menino que gosta de outro menino; e chamam de “menino” a menina que anda com os meninos e gosta de jogar futebol.

Esse tipo de brincadeira ou gozação pode acontecer com uma aparente naturalidade no contexto escolar, porém os profissionais da escola devem estar atentos a essas práticas e seus efeitos sobre aqueles/as que são as vítimas, principalmente quando ainda não conseguem se defender. Todos os professores afirmaram que fazem intervenções quando acontecem situações de preconceito e discriminação. Porém, o P2 e o P3 demonstram maior preocupação com tais acontecimentos, problematizando e dialogando com os alunos sobre o acontecido, e propondo trabalhos sobre *bullying*.

Para finalizar, perguntamos para os professores o que a escola poderia fazer para combater o preconceito e a discriminação contra os alunos homossexuais. Na opinião deles:

P1- Fazendo palestras com todos os alunos, dando algum tipo de punições aos homofóbicos, só que acredito que não só a escola precisa combater esse preconceito, mas sim os próprios alunos homossexuais agirem melhor, porque alguns são muito escandalosos, gostam de ser o centro das atenções, são espontâneos até demais pro meu gosto.

P2- Sempre impor que todos têm o mesmo direito, que não é cor, gosto ou cultura que vai dar mais privilégio ou respeito diante dos outros.

P3- Trabalhar mais este tema como conteúdo pedagógico dentro do ambiente escolar; creio que seria uma boa saída.

Antes de discutir a opinião dos professores, vamos destacar dois pontos problemáticos no discurso deles. A aceitação condicionada em relação aos homossexuais e a imposição do respeito aos agressores. Na última parte do discurso do P1 ele diz que: “os próprios alunos homossexuais agirem melhor, porque alguns são muito escandalosos, gostam de ser o centro das atenções, são espontâneos até demais pro meu gosto”. *Esse tipo de opinião baseia-se numa “aceitação condicionada”, como se ele quisesse dizer: “tudo bem ser homossexual, desde que não seja afetado”.* Algumas pessoas costumam dizer: “Não tenho nada contra gays (lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais), desde que...”. Desse modo, há uma “aceitação condicionada” para que estudantes de orientação sexual diversa da considerada “normal” possam frequentar o espaço escolar. Por que eles/elas deveriam abrir mão de seus trejeitos de falar, vestir, agir? Para se adequarem a padrões e regras sociais que agradam aos outros? Obrigar o/a aluno/a a se modificar para que não pareça, para que não incomode, guarda a discriminação em sua forma dissimulada, menos explícita, mas não menos prejudicial.

Já a imposição do respeito (P2) e dar algum tipo de “punição” para os homofóbicos (P1) *também são problemáticos, pois isso caracteriza práticas punitivas e autoritárias. Não é por essa via que os professores terão sucesso no seu trabalho com a diversidade sexual. De acordo com as Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (MATO GROSSO, 2010), para se ter êxito na abordagem, o/a professor/a deve primeiro observar as leis que regem esse assunto, os PCNs, as orientações da Secad/MEC (BRASIL, 2009), bem como as leis referentes aos direitos sexuais e a fundamentação teórica acerca dos conteúdos específicos relativos à sexualidade humana. De posse desse conhecimento, deve utilizá-lo em suas práticas pedagógicas e assim trabalhar de maneira efetiva com essa temática. Há que se fazer um trabalho multidisciplinar, onde as três áreas de conhecimentos trabalhem com as temáticas da diversidade de forma que garantam discussões acerca da importância da equidade de gênero, erradicação da homofobia, valorização dos direitos humanos, bem como que se possa conseguir a construção de uma cultura de respeito aos direitos sexuais e à diversidade sexual.*

De acordo com os PCNs:

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1997, p. 300).

Para isso, os/as professores/as devem priorizar metodologias que conduzam à reflexão sobre si e o/a outro/a, afinal só quando a pessoa for capaz de se colocar no lugar do/a outro/a, este passa a perceber que todos/as possuímos o direito de sermos nós mesmos/as. Para que esse assunto tão polêmico seja trabalhado de maneira efetiva e significativa, há que se ter profissionais éticos, que realmente promovam a equidade em sala, com conhecimento para falar desse assunto, que seja isento de melindres e/ou concepções pre-

conceituosas, alguém que não se sinta desconfortável com as perguntas dos/as estudantes (MATO GROSSO, 2010).

Sobre as opiniões dos professores em relação ao que a escola poderia fazer para combater o preconceito e a discriminação contra os homossexuais, eles sugeriram palestras (P1) e trabalhar *o tema como conteúdo pedagógico no ambiente escolar (P3)*. *Desse modo, observa-se que eles não têm uma ideia muito clara, ou sugestões de metodologias para abordar esse tema.*

Na discussão feita por Peçanha e Devide (2010a), o fato de os docentes apresentarem dificuldades em falar sobre sexualidade é um fator que demonstra medo e insegurança para abordar tal temática. Assim, convém prever em políticas educacionais algumas ações no sentido de preparar os docentes para que possam agir de forma mais objetiva e cautelosa com as questões da sexualidade na escola, a fim de que alunos/as que divergem das normas de sexualidade e gênero hegemônicas possam ser incluídos/as nas aulas de Educação Física e nas demais disciplinas escolares.

Uma observação importante é que o trabalho com Educação Sexual deve ser garantido no Projeto Político Pedagógico, o qual deve evidenciar os princípios que irão norteá-lo, a justificativa do porquê deste, a fim de deixar toda a comunidade escolar ciente da escolha de conteúdos a serem ministrados aos alunos/as. É preciso considerar também a faixa etária e o nível de maturidade destes/as, cabendo ao/a professor/a tratar a questão da forma mais objetiva e segura possível, com informações corretas do ponto de vista científico, não permitindo margem para constrangimentos e práticas preconceituosas (MATO GROSSO, 2010).

Ainda sobre as metodologias, Britzman defende um modelo de educação sexual que

[...] está mais próximo da experiência da leitura de livros de ficção e poesia, de ver filmes e do envolvimento em discussões surpreendentes e interessantes, pois quando nos envolvemos em atividades que desafiam nossa imaginação, que nos propiciam questões para refletir e que nos fazem chegar mais perto da indeterminação do eros e da paixão, nós sempre temos algo mais para fazer, algo mais a pensar (BRITZMAN, 1999, p. 89).

Podemos acrescentar ainda, como sugestões de metodologia, a realização de seminários, debates, dramatizações, coreografias de músicas que tratam desse tema, dinâmicas de grupo etc. Sabemos que abordar um tema polêmico como este nem sempre é tarefa fácil para o educador. Porém, é uma necessidade dos tempos atuais, uma vez que temos alunos e alunas homossexuais em nossas escolas e, também, nas aulas de Educação Física.

Considerações finais

Dentre os resultados encontrados neste estudo, podemos destacar que os/as alunos/as homossexuais são identificados pela aparência, comportamentos e estereótipos, e que isso é problemático, pois as aparências podem enganar. Os professores disseram que respeitam e aceitam a homossexualidade, mas dois deles ainda têm a ideia de doença e de sexualidade desviante do “normal”, um defende a aceitação social, pois vivemos numa

democracia. Além disso, há uma aceitação condicionada da homossexualidade, desde que não sejam muito “afetados”, ou que se desviem muito da norma de gênero.

Para os professores, a escola trata os alunos homossexuais como os demais alunos, sem preconceito. Já ocorreu preconceito em relação aos/as alunos/as homossexuais nas aulas de Educação Física, e os professores disseram que buscam intervir discutindo a questão do preconceito e do *bullying*. Porém, eles não têm uma ideia clara sobre as formas/metodologias que a escola pode usar para abordar a questão da diversidade sexual.

Neste trabalho esperamos ter contribuído com o desenvolvimento dos sujeitos participantes, causando neles uma maior reflexão sobre o assunto, ter proporcionado uma discussão e uma melhor compreensão das questões de gênero, sexualidade e homofobia nas aulas de Educação Física. Concordamos com Goellner (2010), que

[...] qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio (GOELLNER, 2010, p. 82).

Nosso estudo colocou em evidência a temática da diversidade sexual nas aulas de Educação Física. Fica nossa sugestão para que se invista na formação inicial e continuada de professores de Educação Física, para trabalhar com esse tema em suas práticas pedagógicas, seja num projeto interdisciplinar na escola, ou nas aulas de Educação Física, a fim de construir práticas pedagógicas mais humanas, pautadas no respeito às diferenças.

THE OPINION OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION HIGH SCHOOL ABOUT HOMOSEXUALITY AND HOMOPHOBIA IN SCHOOL

Abstract

The aim of this study was to investigate the views of teachers of Physical Education high school about homosexuality and homophobia in schools, through an exploratory study. The results showed that: a) they identify gays students by appearance and stereotypes; b) they said respect homosexuality, but two of them think it is a disease or anything deviant from “normal”; c) for them, the school treats gay students without prejudice; d) has already occurred prejudice in Physical Education and teachers they sought intervene; d) they do not know methods to address the issue of sexual diversity. Thus, we conclude that it is necessary to invest in initial and continuing training of teachers to work with sexual and gender diversity.

Keywords: Physical Education. Secondary Education. Homosexuality. Homophobia.

LA OPINIÓN DE LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA DE EDUCACIÓN SECUNDARIA SOBRE HOMOSEXUALIDAD Y HOMOFOBIA EN LA ESCUELA

Resumen

El objetivo de este estudio fue investigar los puntos de vista de los profesores de Educación Física en la escuela secundaria acerca de la homosexualidad y la homofobia en la escuela, a través de un estudio exploratorio. Los resultados mostraron que: a) ellos identifican a los estudiantes gays por la apariencia y los estereotipos; b) los profesores dijeron respetar la homosexualidad, pero dos de ellos les resulta enfermedad o algo desviado de lo “normal”; c) para ellos, la escuela trata a los estudiantes gays y sin prejuicios; d) ya ha ocurrido prejuicio en Educación Física y los profesores buscaron intervenir; e) ellos no conocen los métodos para abordar el tema de la diversidad sexual. Por lo tanto, llegamos a la conclusión de que es necesario invertir en la formación inicial y continua de los profesores para trabajar con la diversidad sexual y de género.

Palabras clave: Educación Física. Educación Secundaria. La homosexualidad. Homofobia.

Referências

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Brasília: MEC/Secad, 2009.

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 83-123.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. da; MELO, V. A. de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 18-24, 1996/2.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOI, M. R. Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre o cotidiano das escolas. **Lecturas EF Deportes**, Buenos Aires, año 14, n. 134, Jul. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd134/governo-dos-corpos-genero-e-sexualidade.htm>>

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação CBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

LOURO, G. L. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. da (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b. p. 7-34.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. **Orientações Curriculares**: diversidades educacionais. Cuiabá: Defanti, 2010.

PEÇANHA, M. B.; DEVIDE, F. P. A prática pedagógica em relação ao *bullying* homofóbico nas aulas de Educação Física escolar: o discurso dos docentes do primeiro segmento do Ensino Fundamental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis-SC, 2010a. p. 1-12.

PEÇANHA, M. B.; DEVIDE, F. P. O discurso dos docentes do primeiro segmento do Ensino Fundamental sobre o *bullying* homofóbico na Educação Física escolar. **Lecturas EF Deportes**, Buenos Aires, año 15, n. 146, Jul. 2010b.

SILVA, C. A. F. da; DEVIDE, F. P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009.

VOLOTÃO, A. et al. Homofobia: análise quantitativa dos graus de discriminação na Educação Física, lutas. **Lecturas EF Deportes**, Buenos Aires, año 15, n. 149, Oct. 2010.

.....
Recebido em: 07/08/2014

Revisado em: 30/09/2014

Aprovado em: 02/10/2014

Endereço para correspondência:

neves.lu@gmail.com

Luciene Neves Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres.

Rua São João

Cavallhada

78200-000 - Cáceres, MT - Brasil